

NOTA TÉCNICA

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS(AS) AGENTES PRISIONAIS/POLICIAIS PENAIIS NO BRASIL

2ª FASE

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS

Gabriela Lotta
Marcela Garcia Corrêa
Giordano Magri
Claudio Aliberti
Carlos Eduardo de Lima

REALIZAÇÃO

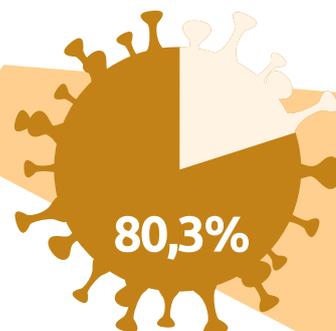
Fundação Getulio Vargas
Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB)



AGO/2020

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS(AS) AGENTES PRISIONAIS/POLICIAIS PENAIS NO BRASIL

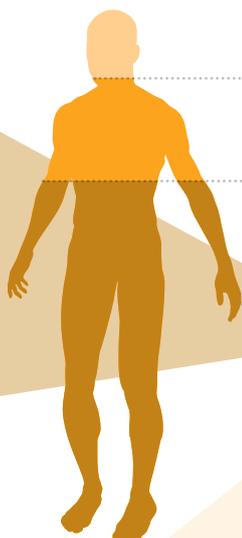
2ª FASE



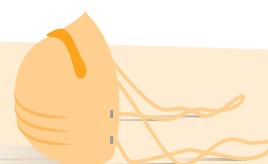
DOS(AS) AGENTES PRISIONAIS/POLICIAIS PENAIS SENTEM MEDO DO NOVO CORONAVÍRUS

87,1% CONHECEM UM(A) COLEGA DE TRABALHO QUE FOI DIAGNOSTICADO(A) COM COVID-19

E 67,8% CONHECEM ALGUM(A) PRESO(A) QUE CONTRAIU A DOENÇA



QUASE **METADE** DOS(AS) PROFISSIONAIS DO SISTEMA PRISIONAL NÃO RECEBERAM EPIS ADEQUADOS PARA TRABALHAR



69% SE SENTEM DESPREPARADOS(AS) PARA LIDAR COM A CRISE

APENAS 39,5% DOS(AS) RESPONDENTES RECEBEU ORIENTAÇÕES DA CHEFIA SOBRE COMO ATUAR DURANTE A CRISE

31,2% ALEGARAM RECEBER ALGUM SUPORTE DE SEUS(SUAS) SUPERVISORES(AS)

29% DOS(AS) RESPONDENTES DISSERAM TER SOFRIDO ASSÉDIO MORAL DURANTE A PANDEMIA



SOMENTE 12,1% DOS(AS) AGENTES PRISIONAIS/POLICIAIS PENAIS RECEBERAM ALGUM TIPO DE TREINAMENTO ESPECÍFICO SOBRE COMO OPERAR NO CENÁRIO DE PANDEMIA



73,7% DECLARARAM QUE A PANDEMIA CAUSOU IMPACTOS NEGATIVOS EM SUA SAÚDE MENTAL

ENQUANTO APENAS 5,1% INFORMARAM TER RECEBIDO APOIO INSTITUCIONAL PARA CUIDAR DO SEU PSICOLÓGICO

82,2%

AFIRMAM QUE AS TENSÕES ENTRE OS(AS) PRESOS(AS) AUMENTARAM

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS(AS) AGENTES PRISIONAIS/POLICIAIS PENAIS NO BRASIL

2ª FASE

APRESENTAÇÃO¹

A pandemia do novo Coronavírus representa uma das maiores crises da história recente do Brasil e do mundo, com impactos diretos ou indiretos em todos os continentes. Esse impacto, no entanto, atinge de forma mais intensa as populações expostas a maior vulnerabilidade social, culminando em um aprofundamento das desigualdades que, se antes já apresentavam níveis elevados, agora caminham para um cenário ainda mais preocupante. O sistema prisional, mais especificamente as unidades prisionais, representam alguns dos ambientes mais insalubres no Brasil, onde o potencial de disseminação do vírus é muito elevado e o risco à saúde das pessoas presas e aos profissionais é alto.

Apesar da dificuldade encontrada com relação aos dados de pessoas mortas e contaminadas nas unidades prisionais, há um esforço de compilar dados das Secretarias Estaduais. Recentemente, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) divulgou que até o dia 22 de julho de 2020, havia 13.778 casos confirmados de contaminação dos(as) presos(as), e 106 mortes². Com isso, se observa que os casos dobraram no sistema prisional nos últimos 30 dias. Segundo esses dados, a maior parte de casos entre os(as) presos(as) está no Centro-Oeste (28,2%) e no Nordeste (28,1%). São Paulo e Rio de Janeiro lideram no número de óbitos, enquanto Distrito Federal e Pernambuco são os principais focos de casos diagnosticados. Adicionalmente, aumentaram os mutirões de testagem em presos(as) e agentes penais/policiais penais³.

A publicação expressa também que há uma concentração de casos de servidores(as) diagnosticados(as) com COVID-19 no Norte (27,9%) e Nordeste (43%). Quanto aos óbitos registrados entre esses(as) profissionais, há uma liderança das regiões Sudeste (46,2%), Nordeste (29,2%) e Norte (21,5%). O número de casos confirmados entre os(as) agentes prisionais/policiais é de 1.740 até 22 de julho de 2020 e 16 óbitos registrados, sendo que este último valor é resultado de um aumento de 60% no último mês.

Com um cenário crítico que tende a se agravar, é preciso pensar nos(as) profissionais que atuam no contato direto com a população, o que a literatura sobre políticas públicas chama de “linha de frente” ou

¹ Agradecemos o apoio das diversas instituições que auxiliaram na divulgação da pesquisa, em especial: *Guerreiras no Sistema Prisional - Polícia Penal* - em nome da Fabíola Castilho, AGEPPEN-Brasil, SINDASP-SP, SIFUSPESP, SINDASP-CE e todos representantes sindicais dos demais estados que ajudaram na divulgação da pesquisa. Também agradecemos aos colegas e profissionais que ajudaram de diversas formas na pesquisa: Fábio Jabá, José Roberto Neves, Pesquisadores do Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB), Mario Aquino Alves e Lauro Gonzalez. E agradecemos aos/às policiais penais que responderam à pesquisa.

² O levantamento feito pelo CNJ leva em conta informações dos Grupos de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário, de boletins das secretarias estaduais de Saúde e do Departamento Penitenciário Nacional (Depen). O boletim de 22 de julho está disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2020/07/Monitoramento-Semanal-Covid-19-Info-22.07.20-1.pdf>

³ Informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/23/casos-de-coronavirus-em-presidios-somam-137-mil-alta-de-993percent-em-um-mes.ghtml>

“nível da rua” (LIPSKY, 1980 [2019]). Dada a urgência e a complexidade da situação, o presente relatório, organizado pelos pesquisadores da FGV e do Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB FGV-EAESP), busca apresentar de forma sintética os dados extraídos de um *survey* online realizado com 613 profissionais da polícia penal de todas as regiões no Brasil. Esta é a segunda etapa de uma pesquisa que se iniciou em abril. Na primeira rodada, conseguimos 310 respondentes de todo o Brasil, número que quase dobrou nesta segunda fase. O intuito das duas fases da pesquisa é compreender qual a percepção destes profissionais em relação aos impactos da crise em seu trabalho, relações com os(as) presos(as), bem-estar e modo de agir cotidianamente.

NOTA METODOLÓGICA

A coleta dos dados aqui apresentados foi realizada a partir da aplicação de um *survey* online⁴, aplicado entre os dias 15 de junho de 2020 e 1º de julho de 2020. Os resultados são frutos de uma amostra coletada por conveniência (não probabilística), que se delimita a partir de respostas voluntárias ao questionário. Esse tipo de amostragem é comumente utilizado por estudos exploratórios, principalmente no campo de estudos organizacionais, e produz resultados interessantes (BRYMAN, 2016). No entanto, uma limitação das amostras não probabilísticas é a incapacidade de realizar generalizações mais amplas. As dificuldades impostas pela pandemia impediram a realização de um desenho amostral probabilístico. Por esse motivo, os resultados aqui expostos não podem e nem devem ser generalizados para o universo de policiais penais/agentes prisionais no Brasil.

No mais, o contexto de urgência permite uma maior aceitabilidade do uso da amostra por conveniência (BRYMAN, 2016, p. 299), uma vez que há uma grande oportunidade de preencher uma lacuna de falta de informações sintéticas e descritivas sobre a realidade desses(as) profissionais na linha de frente.

A crise do Coronavírus demanda diagnósticos emergenciais e respostas rápidas. Dessa forma, a estatística realizada nos resultados ora apresentados é puramente descritiva, uma vez que só pode ser vista como uma espécie de balanço sobre a população “entrevistada” (isto é, 613 respostas válidas dos profissionais respondentes)⁵. É exclusivamente sobre a percepção dessas pessoas que se pode afirmar algo. A falta de inferência estatística, portanto, não invalida os dados, apenas circunda a análise a um universo específico (n = 613).

Vale mencionar que o presente esforço corresponde à segunda fase da pesquisa “A pandemia do COVID-19 e os(as) agentes prisionais/policiais penais no Brasil”⁶. A continuidade da investigação iniciada em abril deste ano se fez necessária à medida que o cenário nacional da pandemia do novo Coronavírus tem continuamente se agravado em termos do número de mortes e casos confirmados.

A segunda fase da pesquisa sofreu algumas adaptações, entre as quais o desenho do questionário foi revisado e aprimorado – inclusive a partir da adaptação de perguntas antes de caráter aberto e dos

⁴ O “*survey*” corresponde a um método de coleta de dados e se delimita a partir da construção de um roteiro estruturado de perguntas elaboradas e ordenadas a partir da pergunta de pesquisa (research question) delimita pelos(as) pesquisadores(as). Ainda, segundo Bryman (2016) as vantagens de se aplicar um “*survey online*” são: (i) o desenho do questionário permite perguntas condicionadas; (ii) fácil visualização do questionário e múltiplas formas de perguntas (abertas, múltipla escolha, numéricas, áudios, etc); (iii) conversão automática em uma base de dados, o que facilita o processo de codificação das informações.

⁵ Vale mencionar que foram recebidas 634 respostas iniciais, das quais 21 eram duplicadas (e por isso foram retiradas da presente análise).

⁶ Para mais detalhes sobre, conferir a nota técnica com os resultados referentes a primeira etapa (cujos dados foram coletados entre 15 de abril de 2020 e 1º de maio de 2020): <https://neurocracia.files.wordpress.com/2020/06/rel02-prisionais-covid-19-depoimentos.pdf>

aprendizados cumulados. Entre a primeira e a segunda fase da pesquisa, é possível perceber um salto de mais de 300 respostas, fator que pode estar relacionado a maior capilaridade do alcance das redes dos(as) profissionais e confiabilidade na pesquisa após a divulgação dos primeiros resultados.

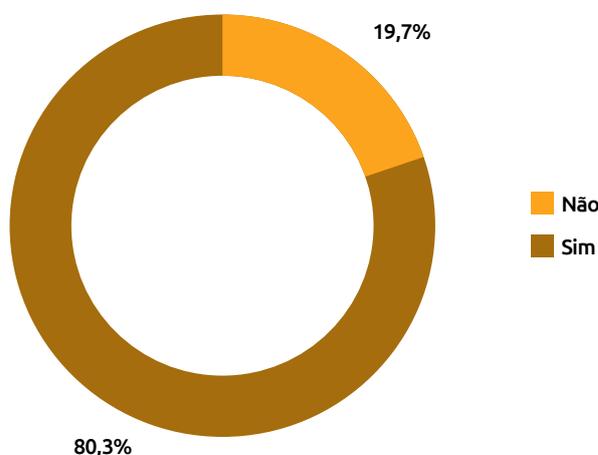
Em termos gerais, o perfil majoritário dos(as) respondentes é: homens brancos (40,8%) e negros (32,5%). A divisão por gênero observada na amostra segue o padrão de maioria masculina (75,5%, que inclui homens que se autodeclararam brancos, negros, amarelos e indígenas), com uma representação de 20,7% de mulheres, e 3,7% que preferiram não informar. O percentual de mulheres brancas na amostra é de 11,4%, enquanto das mulheres negras é de 8,2%. Ademais, em termos de divisão regional é possível observar a seguinte distribuição: Sudeste (47%), Nordeste (18%), Sul (17%), Norte (9%) e Centro Oeste (9%). Assim, é preciso ter em mente que há uma sobre-representação do Sudeste, principalmente no Estado de São Paulo, que sozinho concentra 37,3% das respostas. Os resultados e análise que se seguem, portanto, estão circunscritas à realidade amostral identificada, com distorções de sub e sobre-representação.

Dos(as) respondentes, 36,9% atuam como agente prisional/policial penal há mais de 10 anos. Dessa maneira, o quadro amostral é composto por uma maioria de profissionais que atua há pelo menos 10 anos (63,1%), o que confere um certo grau de maturidade e experiência por parte dos(as) respondentes. Em concomitância, 59% dos(as) profissionais da amostra trabalham há mais de 10 anos na atual localidade onde se encontra sua unidade prisional. Em relação àqueles(as) que informaram que possuem vínculos prévios com o bairro/comunidade em que atuam (79,6% dos(as) respondentes), é possível observar o seguinte padrão de relação comunitária: 43,8% alegam residir atualmente na região; 39% dizem ter nascido na localidade; 27,5% mantêm vínculos familiares; 9,5% moram em região próxima; e 7% declararam frequentar a Igreja/culto/terreiro do bairro.

PANORAMA GERAL: O QUE OS DADOS NOS DIZEM?

Como abertura da pesquisa, foi perguntado aos(as) participantes se eles sentiam medo do novo Coronavírus. Os resultados extraídos a partir da pergunta demonstram que 80,3% dos(as) profissionais responderam positivamente (Gráfico 01). Quando os dados são desagregados por região, é possível observar a seguinte distribuição de afirmações positivas sobre o sentimento de medo: Centro Oeste (87,5%), Nordeste (82%), Norte (77,2%), Sudeste (81,5%) e Sul (72,8%). Vale mencionar que há uma distância percentual considerável (pelo menos 5 pontos percentuais) na percepção de medo entre os(as) profissionais das regiões Nordeste e Centro Oeste e as demais.

Gráfico 01 - Medo do novo Coronavírus (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020.

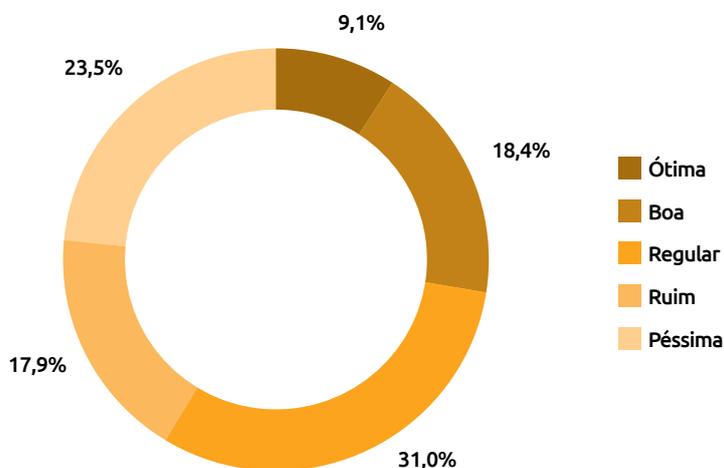
O sentimento de medo pode estar associado a inúmeros fatores, porém poderíamos dizer que o risco iminente de contaminação e a falta de informações diretas sobre o comportamento do vírus no corpo contribuem para agravar a sensação de insegurança e medo, elementos que são potencializados pelo ambiente insalubre e de superlotação dos presídios brasileiros.

Do total de respondentes, 87,1% conhecem algum(a) colega que foi diagnosticado(a) com COVID-19 ou que está com suspeita de ter contraído a doença. Por região os resultados demonstram que quase todos(as) respondentes do Norte (98,5%) e Nordeste (100%) declararam conhecer algum colega nessas condições. Já no Sul (83,9%) e Sudeste (75,7%) temos valores que embora altos, se afastam em pelo menos 15 pontos percentuais das realidades anteriores. Importante ressaltar como essa percepção capturada pelo questionário vai ao encontro dos dados divulgados pelo CNJ no dia 22 de julho, em que as regiões Norte e Nordeste lideraram o número de casos entre profissionais do sistema prisional.

Em paralelo, 67,8% alegaram conhecer algum(a) preso(a) que teve diagnóstico positivo para COVID-19. Por região essas afirmações se distribuem proporcionalmente da seguinte maneira: Centro Oeste (80,4%), Norte (76,6%), Nordeste (96,5%), Sudeste (56,6%) e Sul (67%). Mais uma vez, o quadro relatado pelos(as) profissionais das três primeiras regiões parece ser mais crítico que nas duas últimas.

O Gráfico 02 abaixo classifica percentualmente as percepções dos(as) agentes prisionais/policiais penais sobre a qualidade da resposta dada pela unidade prisional em que trabalham em caso de testes positivos a COVID-19. Do total de respondentes, 41,4% acreditam que a resposta foi ruim ou péssima, 31% regular e 27,6% ótima ou boa.

Gráfico 02 - Qualidade das respostas da unidade para casos de teste positivo de Covid-19 (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020.

Quando perguntamos se a sua unidade tem estrutura para lidar com possíveis isolamentos de presos(as) contaminados(as), apenas 31,9% responderam positivamente. A Tabela 01 a seguir apresenta como essa percepção se comporta entre os(as) profissionais por região

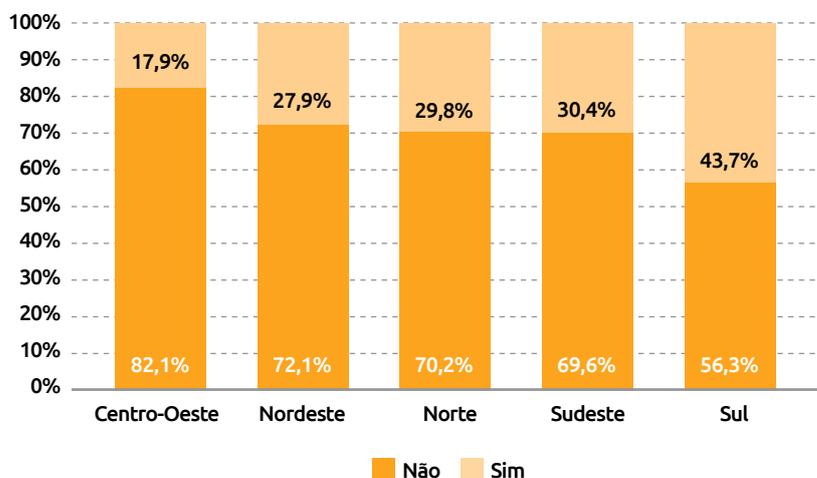
Tabela 01 - Percepção sobre a estrutura da unidade para isolar os(as) presos(as) contaminados(as) - por região (%)

	Não	Sim
Centro-Oeste	60,7%	39,3%
Nordeste	73,0%	27,0%
Norte	82,5%	17,5%
Sudeste	72,4%	27,6%
Sul	51,5%	48,5%

Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020.

No que se refere à sensação de preparo para enfrentar a crise, é possível observar que apenas 31% dos(as) profissionais do sistema prisional se sentem preparados(as). Por região, a distribuição percentual das respostas positivas que se segue é: Centro Oeste (17,9%), Nordeste (27,9%), Norte (29,8%), Sudeste (30,4%) e Sul (43,7%). Os(As) profissionais da região Sul e Sudeste são os mais confiantes nesse quesito, conforme expresso no Gráfico 03 abaixo.

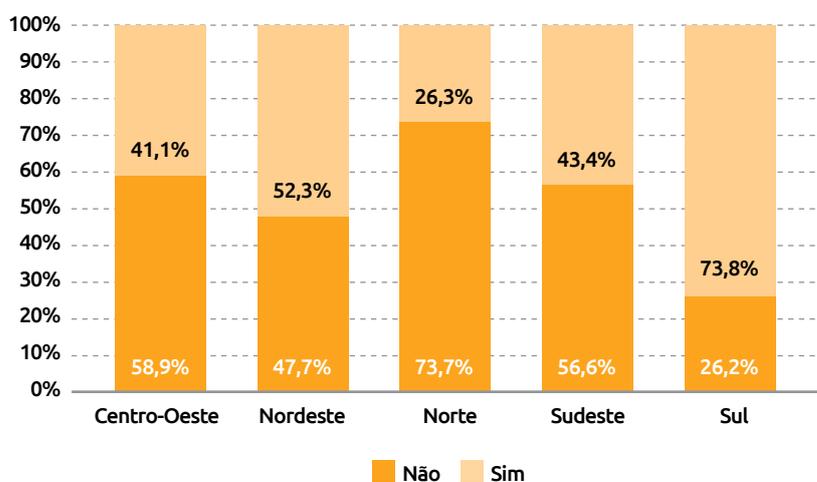
Gráfico 03 - Sensação de preparo - por região (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020.

A sensação de segurança e preparo para lidar com a crise é um componente essencial para manutenção do trabalho nas conformidades adequadas e do bem-estar dos profissionais do “nível da rua”. Assim, a distribuição de equipamentos de proteção individual (EPIs) adequados é importante para proteger o(a) profissional de possíveis contágios, garantindo assim sua segurança e dos(as) presos(as) com quem interage diariamente. Em termos gerais, cerca de metade dos(as) respondentes (48,3%) afirmam ter recebido EPIs necessários para se proteger. No Gráfico 04 abaixo é possível observar o resultado por região e uma desigualdade entre as respostas coletadas pela amostra, principalmente entre a região Norte (apenas 26,3%) e Sul (73,8%).

Gráfico 04 - Distribuição de equipamentos (EPIs) - por região (%)

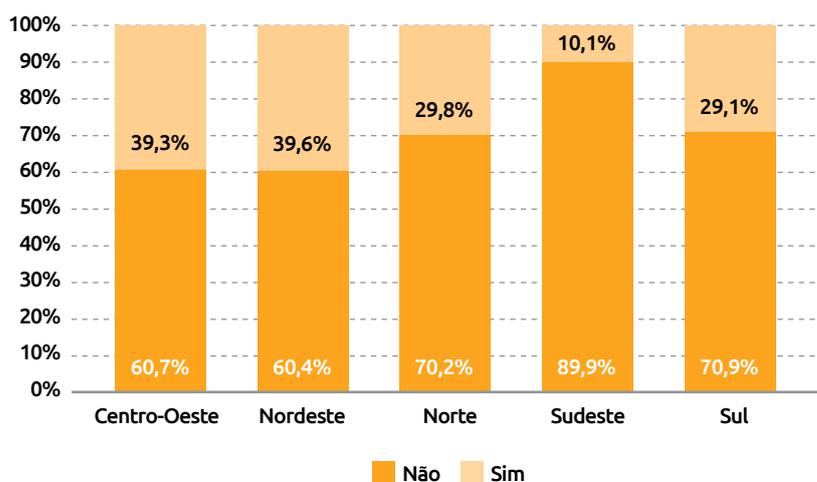


Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020.

Ainda sobre os EPIs, perguntamos sobre a sua qualidade àqueles(as) que declararam ter recebido (n = 296). Desse total, 14,8% acreditam que os equipamentos distribuídos excelentes ou muito bons, 45,6% declararam ser bons e 39,5% ruins ou péssimos.

Os equipamentos de testagem também fazem parte dos recursos essenciais para combater a pandemia, uma vez que são instrumentos que permitem o diagnóstico pessoal dos(as) profissionais, seus(suas) colegas e também dos(as) presos(as) com quem entram em contato diário. Nesse sentido, apenas 23,2% dos(as) respondentes da pesquisa receberam equipamentos para realizar a testagem de COVID-19. O Gráfico 05 a seguir nos mostra uma variação regional da testagem: apenas 10% dos(as) profissionais participantes da pesquisa do Sudeste receberam equipamentos de testagem, o que pode estar contribuindo para uma subnotificação dos casos na região. As regiões Nordeste e Centro Oeste são aquelas em que os(as) respondentes alegam ter recebido testagem em proporções consideráveis - 39,6% e 39,3% respectivamente. Ao combinarmos esse panorama ao quadro de respostas positivas à existência de presos(as) e servidores(as) diagnosticados(as), podemos levantar uma hipótese a ser investigada futuramente de que região Sudeste possui uma subnotificação de casos que pode estar relacionada a falta de equipamentos de testagem.

Gráfico 05 - Distribuição de testagem (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020.

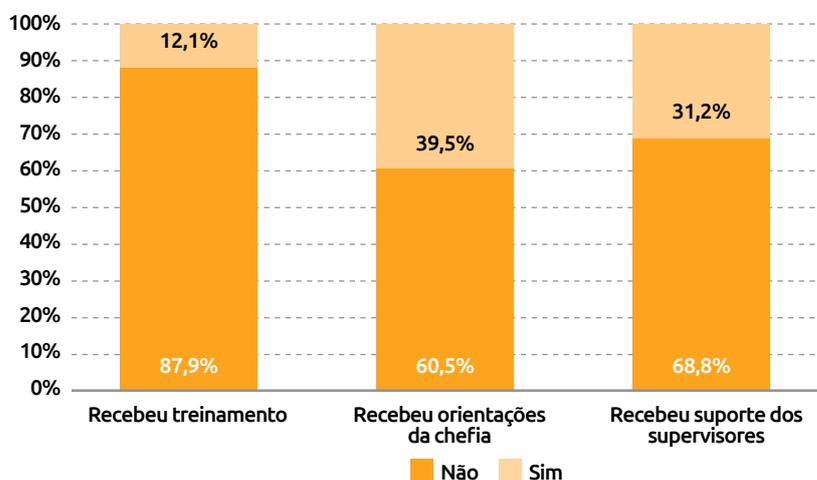
Aliada à distribuição de materiais adequados para proteção individual (EPIs), o treinamento dos profissionais de saúde para lidar de forma padronizada e seguindo indicações do Ministério da Saúde é imprescindível para que os(as) profissionais do sistema prisional se sintam seguros(as) e possam realizar seu trabalho cotidianamente. Chama atenção o resultado de que apenas 12,1% dos(as) respondentes receberam treinamentos sobre como atuar na linha de frente durante a pandemia. Mais uma vez, as desigualdades regionais são acentuadas à medida que no Nordeste e Norte esse valor se reduz para 7,2% e 8,8%, respectivamente - enquanto no Sul corresponde a 21,4%.

Além disso, a pesquisa indagou sobre a percepção de terem recebido suporte por parte dos(as) supervisores(as). Em termos gerais, apenas 31,2% dos(as) respondentes acreditam ter tido algum suporte

de seus supervisores. Por região, temos a seguinte distribuição de percepções positivas: Centro Oeste (46,4%), Nordeste (37,8%), Norte (40,4%), Sudeste (33,9%) e Sul (52,4%).

Já quando perguntamos sobre a existência de orientações diretas da chefia, o resultado positivo é de 39,5% da amostra. A distribuição regionalizada das percepções positivas por parte dos(as) respondentes é a seguinte: Centro Oeste (39,3%), Norte (27,9%), Nordeste (29,8%), Sudeste (27,6%) e Sul (40,8%). Mais uma vez, é possível perceber disparidades na sensação de preparo e apoio dos(as) agentes prisionais/policiais penais no território brasileiro. O Gráfico 06 sintetiza os resultados gerais obtidos pela pesquisa no quesito de apoio institucional.

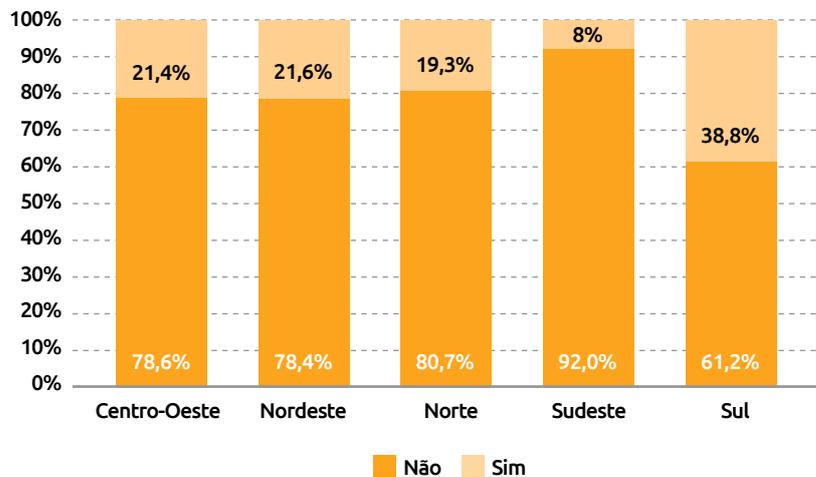
Gráfico 06 - Percepções sobre suporte dos(as) supervisores(as), orientações da chefia e treinamento (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020.

Em concomitância, a pesquisa buscou investigar se os respondentes sentem que existem ações de proteção feitas pelos governos estaduais, que são os responsáveis pela política. Em linhas gerais, 82,1% dos(as) profissionais entrevistados(as) não acreditam que os governos estaduais têm feito ações para os(as) proteger. O Gráfico 07 traz os resultados obtidos por região.

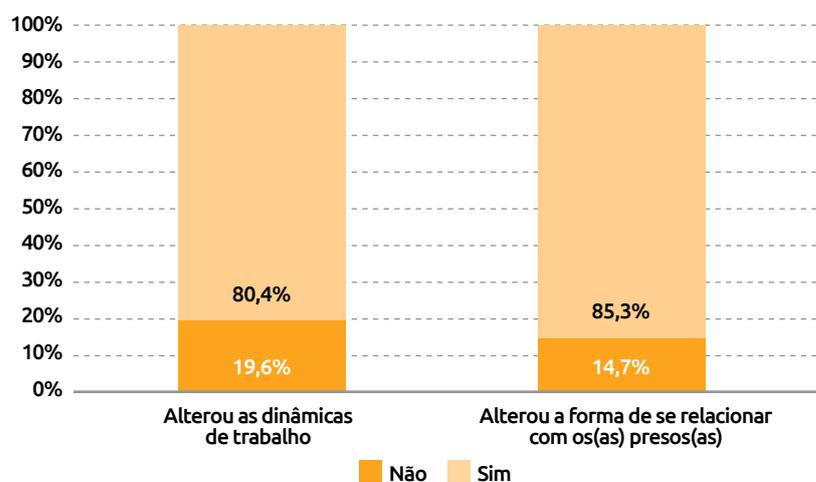
Gráfico 07 - Percepção positiva sobre a ação dos governos estaduais - por região (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020.

Uma dimensão importante que a literatura sobre profissionais de linha de frente trabalha diz respeito ao momento de interação entre os(as) profissionais e os(as) cidadãos(ãs). Lipsky (2019 [1980]) considera que essa dinâmica é imprescindível para definir como as políticas públicas são efetivamente implementadas. Nesse sentido, a pesquisa buscou identificar as percepções dos(as) profissionais do sistema prisional sobre possíveis transformações nas rotinas de trabalho e, principalmente, na forma de se relacionar com os(as) presos(as). Esses dois fenômenos podem estar relacionados, mas foram perguntados de forma apartada. O Gráfico 08 demonstra que 80,4% dos(as) respondentes acreditam que houve mudanças nas dinâmicas de trabalho e 85,3% percebem que suas interações com os(as) presos se transformaram com a pandemia.

Gráfico 08 - Percepção sobre mudança nas dinâmicas de trabalho e relações com os(as) presos(as) - por região (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020.

“Menos diálogos com os colegas e o isolamento é o pior, podendo levar à depressão.”

***“Sou grupo de risco e precisei me afastar por licença médica. Meu esposo adquiriu COVID na penitenciária onde trabalha e levou para casa e conseqüentemente eu peguei também. Acompanho através dos grupos de trabalho, informações de que o vírus já está espalhado dentro da Unidade Prisional onde eu trabalho e de que não temos máscaras adequadas, apenas uma de tecido TNT simples de uma camada, dessas de que precisam trocar a pelo menos a cada 2 horas mas que o CDP nos entregou 3 para usar em uma semana. Álcool gel vencido. Devido à escassez de luvas, não tivemos acesso para o uso diário.*”**

Na pesquisa, solicitamos também que os(as) respondentes explicassem o que mudou em ambas as dinâmicas. No que tange às dinâmicas de trabalho, as principais menções dos(as) agentes prisionais/policiais penais estão relacionadas a: necessidade de estar atento aos cuidados de higienização pessoal; abordagem e contato com os(as) presos(as); distanciamento dos(as) colegas de trabalho; constante medo de expor a sua família ao vírus; aumento da demanda de serviço dado uma redução dos(as) servidores na ativa; aumento do estresse e tensão no dia a dia; transformações na rotina e a adoção de novos procedimentos de trabalho.

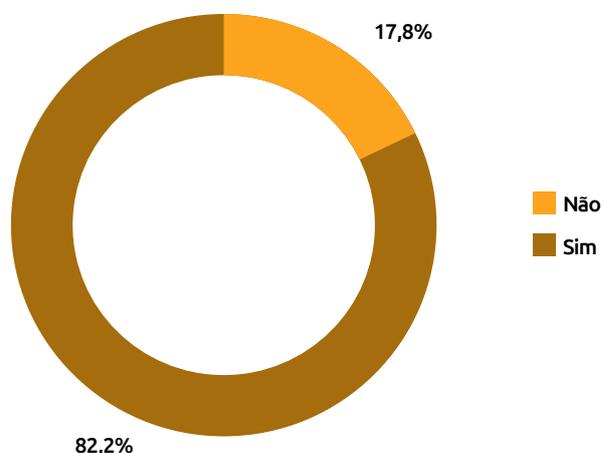
Vale pontuar que a pesquisa buscou investigar também se o número de efetivos na ativa foi alterado na unidade em que os(as) respondentes trabalham, percepção que foi declarada por 66,7% deles(as).

Já em relação às alterações na forma de interagir com os(as) presos, as principais menções são referentes a: ausência de contato físico e, conseqüentemente, distanciamento dos(as) presos(as); rotinas de cuidados pessoais e coletivos (uso de EPIS); redução dos atendimentos e visitas familiares; reorganização da rotina, com interrupção das atividades socioeducativas e etc.; sensação de estresse, medo e tensão nas relações com os(as) presos(as); sentimento de empatia com a situação dos(as) presos(as) da unidade e etc.

Nessa linha, perguntamos se os(as) agentes prisionais/policiais penais acreditam que houve um aumento das tensões nas unidades durante a pandemia. Do total de respondentes, 82,2% afirmam que as tensões aumentaram entre os(as) presos(as) - como exposto no Gráfico 09. Regionalmente, a tendência observada a partir da amostra é: Centro Oeste (89,2%), Nordeste (82%), Norte (82,4%), Sudeste (81,8%) e Sul (79,6%).

Medo de expor e de si expor, porque querendo ou não, sabemos que corremos risco, mas eles também e até mais vulneráveis já que estão confinados mais em grupos grandes em péssimas condições de alojamentos e estão sem nenhuma condição de proteção.

Gráfico 09 - Percepção sobre aumento de tensão entre os(as) presos(as) na unidade prisional (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020.

“As reeducandas estão há muito tempo sem visitas e isso pode ser perigoso principalmente em relação às cadeias masculinas, onde o número de visitas é 3 a 4x maior. Os presos começam a ficar impacientes, foram suspensas as aulas, os trabalhos, o tempo lá dentro não passa. Isso só vai piorando a tensão deles.”

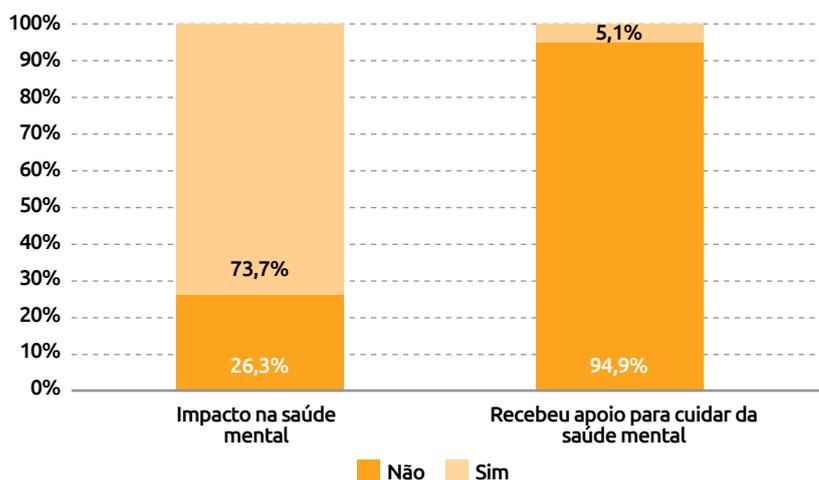
Para aqueles(as) que responderam positivamente, indagamos o porquê dessa sensação. Com a codificação das respostas abertas, é possível perceber as seguintes considerações: porque os(as) presos(as) estão impossibilitados(as) de ter contato com seus familiares; porque têm medo de se contaminarem com a doença; porque falta informação sobre o cenário real da pandemia dentro e fora das unidades; porque faltam recursos materiais e humanos; porque a alimentação está mal suprida; porque eles(as) ficam estressados(as) quando isolados(as) e sem contato com a família. Há ainda casos em que os(as) profissionais relatam um aumento do risco de fugas e rebeliões por conta da intensificação de determinadas tensões.

SAÚDE MENTAL DOS(AS) POLICIAIS PENAIS

A investigação sobre o estado da saúde mental dos(as) profissionais do sistema prisional, tal como das possíveis medidas institucionais de apoio em curso, é uma novidade implementada na segunda rodada da pesquisa. O Gráfico 10 a seguir demonstra que 73,7% dos(as) respondentes acreditam que houve piora na sua saúde mental em decorrência da pandemia, enquanto apenas 5,1% declaram ter recebido algum tipo de apoio institucional. Entre as alternativas oferecidas àqueles(as) que mencionaram receber apoio,

temos: possibilidade de atendimento psicológico; reuniões e orientações por parte dos(as) superiores; possibilidade de afastamento/isolamento social e etc.

Gráfico 10 - Percepção sobre impactos na saúde mental e apoio institucional (%)

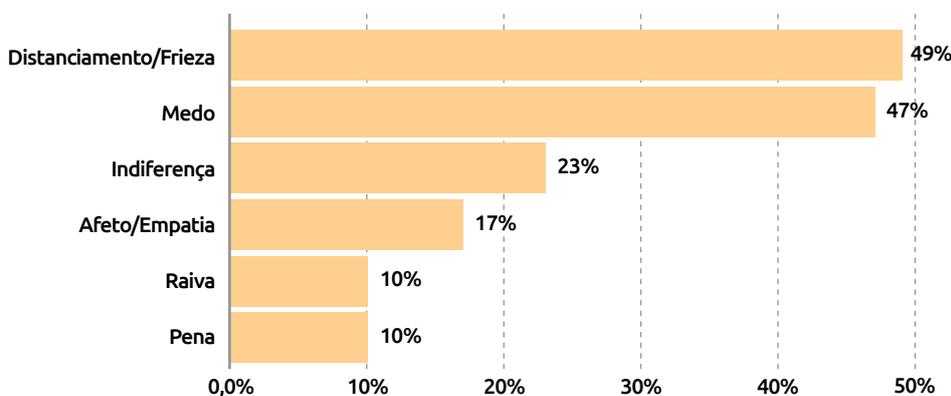


Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getulio Vargas, 2020.

Ainda, buscamos explorar quais as principais emoções que os(as) profissionais do sistema prisional têm sentido no contexto da pandemia. Vale mencionar que os principais sentimentos pessoais desses(as) profissionais captados pela pesquisa são: medo; ansiedade e estresse; afeto ou empatia; desesperança.

O Gráfico 11 expressa o percentual das menções dos(as) respondentes em relação a cada uma dessas emoções no contato com os(as) presos(as). Chama atenção o fato de que os principais sentimentos elencados são negativos: distanciamento e frieza; medo e indiferença. Apesar de alguns sentirem empatia e afeto, é possível perceber que o cenário é crítico e permeado de sentimentos negativos.

Gráfico 11 - Emoções dos(as) agentes prisionais/policiais penais no contato com os(as) presos(as) no contexto da pandemia (%)

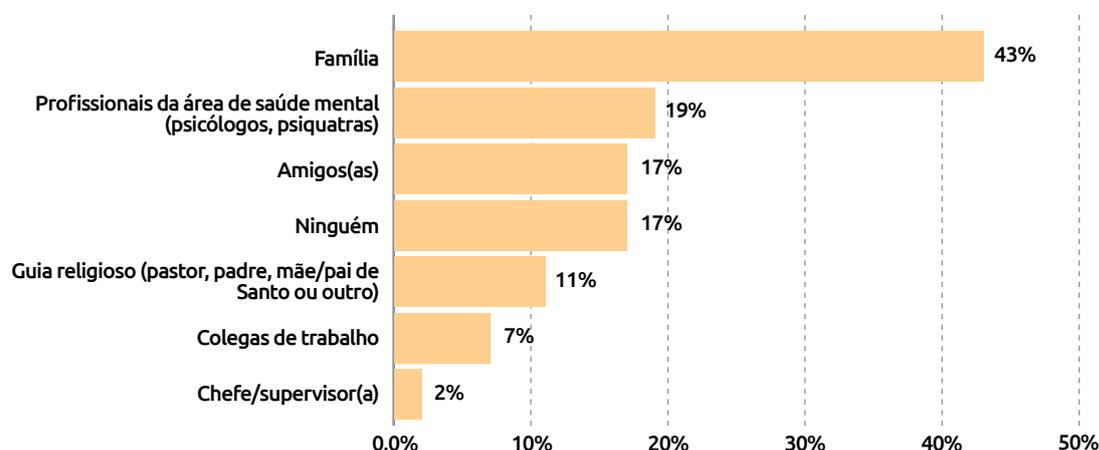


Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getulio Vargas, 2020. Nota: o 100% corresponde ao total de respondentes, e as porcentagens são calculadas a partir da menção positiva a determinada categoria.

Em concomitância, as principais justificativas dadas pelos(as) respondentes para a origem de tais sentimentos em relação aos(às) presos(as) são: riscos à saúde (mencionada em 78,1% dos casos); tensões dos(as) presos(as) (39,5%); falta de EPI (37,8%); falta de informação (31,6%); proibição de visitas das famílias (25% das menções) e etc.

Nesse contexto, é importante compreender a quem esses(as) profissionais recorrem para lidar com problemas na saúde mental. O Gráfico 12 a seguir expõe os resultados das codificações e expressa que família e amigos(as) são os mais procurados (43% e 17%, respectivamente). De um lado, é positivo que os profissionais da área de saúde mental como psicólogos foram mencionados com uma proporção considerável (19%). De outro lado, poucos (apenas 2%) recorrem ao chefe e superior(a) para falar sobre momentos de tensão no trabalho.

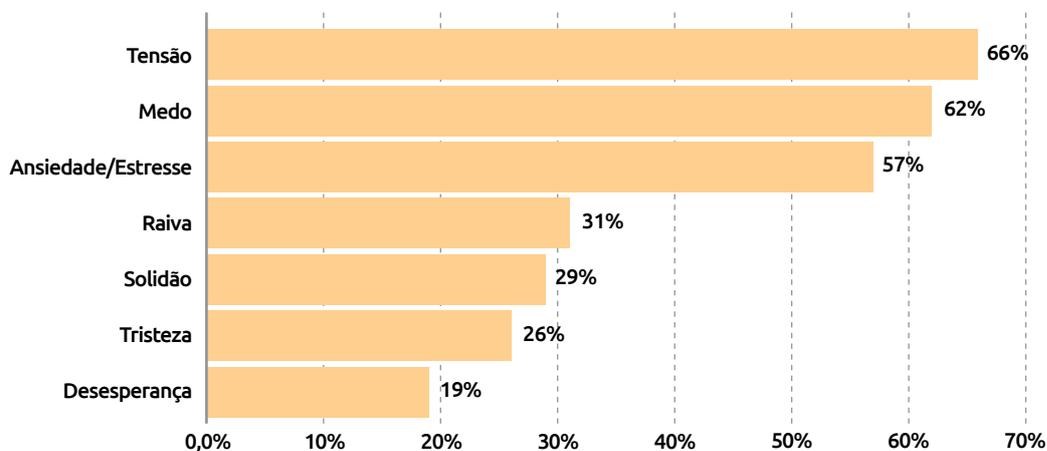
Gráfico 12 - A quem os(as) profissionais do sistema prisional recorrem em casos problemas com a saúde mental (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020. Nota: o 100% corresponde ao total de respondentes, e as porcentagens são calculadas a partir da menção positiva a determinada categoria.

Questionamos também sobre as emoções dos(as) presos(as) que os(as) servidores(as) identificam no contexto da pandemia. Conforme expresso no Gráfico 13 abaixo, a percepção é que a situação de pandemia promove uma série de sentimentos negativos dos(as) presos(as).

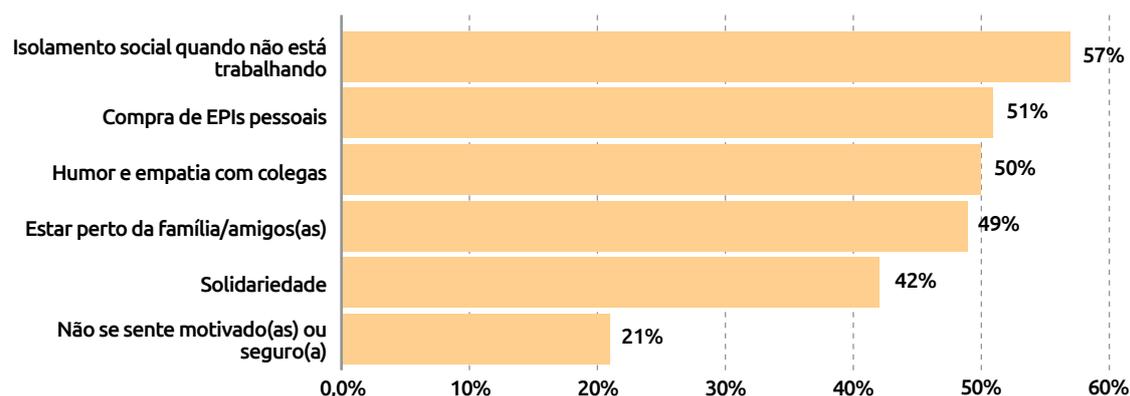
Gráfico 13 - Emoções dos(as) presos(as) identificadas pelos(as) agentes prisionais/policiais penais (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020. Nota: o 100% corresponde ao total de respondentes, e as porcentagens são calculadas a partir da menção positiva a determinada categoria.

Ademais, perguntamos que tipo de estratégias pessoais os(as) profissionais têm empregado para se sentirem motivados(as). Os resultados das codificações demonstraram a distribuição nas seguintes menções (Gráfico 14): isolamento social quando não está trabalhando (57%); humor e empatia com colegas (50%); estar em contato com família e amigos (49%); compra de EPIs pessoais (51%); solidariedade (42%); não se sentem preparados(as) ou motivados(as) (21%).

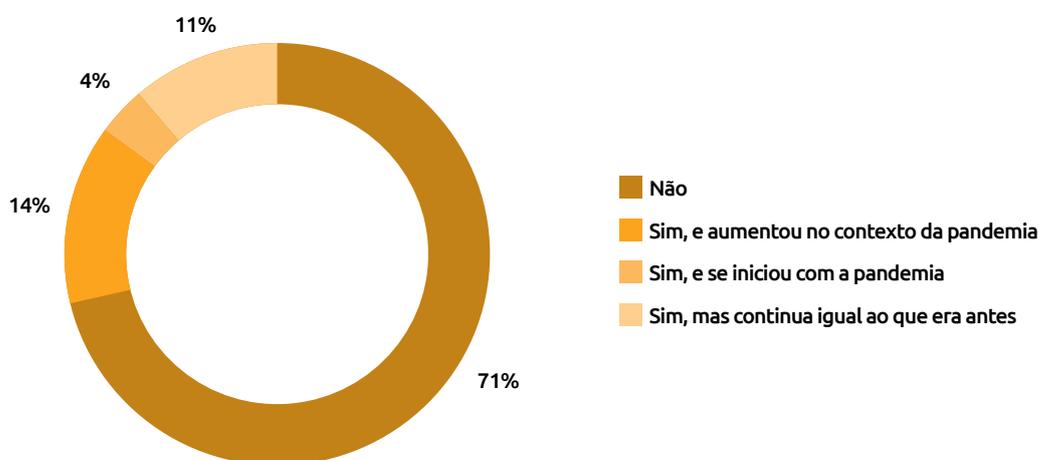
Gráfico 14 - Estratégias adotadas para se sentir motivado(a) e seguro(a) (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020. Nota: o 100% corresponde ao total de respondentes, e as porcentagens são calculadas a partir da menção positiva a determinada categoria.

Por fim, a pesquisa investigou se os(as) profissionais têm sofrido assédio moral durante a pandemia. O Gráfico 15 mostra que quase 29% dos(as) respondentes alegam que sim, sendo que 14% dizem que se agravou com o contexto e 4% que teve início a partir da pandemia.

Gráfico 15 - Assédio moral na pandemia (%)



Fonte: Survey online Impactos do Coronavírus no trabalho dos(as) agentes prisionais/policiais penais (n = 613). Fundação Getúlio Vargas, 2020.

“Se colocarmos atestado, há uma tentativa de perseguição como se a única doença possível nesse momento fosse a COVID-19. Me sinto assediada, perseguida e injustiçada.”

O QUE MUDOU ENTRE A 1ª E A 2ª FASE DA PESQUISA

Embora não possamos fazer uma relação exata sobre o antes e depois com os dados coletados - já que os(as) respondentes não são necessariamente os(as) mesmos(as) - ainda assim é possível construir algumas hipóteses do que parece ter mudado entre os dois meses que separam as duas coletas de dados realizadas. Abaixo traçamos algumas comparações simples sobre como as condições parecem (ou não) ter se alterado entre abril e junho.

Esperávamos que, após dois meses, a situação dos(as) trabalhadores(as) estivesse melhor, dado o processo de aprendizado da pandemia e o maior investimento em recursos no período. No entanto, encontramos resultados bastante diversos e, ainda assim, ruins. Enquanto alguns elementos de fato melhoraram, outros continuam bastante problemáticos e as condições gerais de trabalho dos policiais penais na pandemia não parecem ter melhorado consideravelmente.

Na rodada anterior, 82% dos(as) agentes prisionais/policiais penais declararam sentir medo, fração que se manteve basicamente constante agora com 80,3% de respostas positivas. Com relação ao sentimento de preparo, houve uma leve piora uma vez que na primeira rodada obtivemos o resultado de 61% de agentes se sentindo despreparados, proporção que agora aumentou para 69%.

Um dos caminhos possíveis para explicar esta mudança no sentimento de preparo diz respeito ao agravamento da situação de contaminação dentro do sistema prisional entre abril e junho.

Com relação às questões materiais, notamos algumas alterações. Na primeira rodada, apenas 32,5% alegaram ter recebido EPIs enquanto na segunda rodada esse valor aumentou para 48,8%. Antes somente 9,3% dos(as) respondentes à época declararam ter recebido treinamento, e na coleta mais recente há um leve aumento para 12,1% de respostas positivas. No entanto, parece que estas melhorias não foram suficientes para que os(as) profissionais pareçam se sentissem mais preparados(as) ou tivessem menos medo.

Ademais, na primeira rodada, no que diz respeito às relações hierárquicas, 33,22% afirmaram que receberam orientações de suas chefias sobre como atuar durante a crise, enquanto 70,43% disseram não sentir suporte de seus superiores para enfrentar a crise. Os resultados obtidos pela nova amostra (de junho de 2020) expressam que 39,5% acreditam ter recebido orientações da chefia e 68,8% não sentem suporte de seus superiores - o que confere uma leve melhoria desses indicadores.

Os(as) agentes prisionais/policiais penais continuam não acreditando nas ações dos governos estaduais, porém o cenário atual é de 17,9% de descrença nas intervenções estatais. Por fim, parece ter ocorrido uma elevação naqueles(as) que percebem que a pandemia alterou suas práticas de trabalho: em abril, eles(as) correspondiam a 63,5% e atualmente a 80,5%, mostrando como a pandemia tem instalado novos procedimentos ao longo do tempo.

RECOMENDAÇÕES

Os resultados mencionados acima suscitam um conjunto de recomendações que deveriam ser atendidas pelas três esferas de governo (União, estados e municípios) para melhorar a situação em que os(as) agentes prisionais/policiais penais trabalham perante a crise, garantindo a todos(as) recursos, informações adequadas e proteção. A seguir elencamos algumas delas que, embora não esgotem as possibilidades, ajudam a construir uma agenda de ações. A continuidade e agravamento da pandemia no território brasileiro exigem que políticas, recursos, investimentos sejam direcionados para manter a segurança e bem-estar dos(as) profissionais da ponta. Muito embora os dados coletados e apresentados estejam circunscritos dentro do universo amostral (n = 613), as análises demonstram, mais uma vez, que é preciso atenção com a saúde e a vida desses(as) profissionais.

- Intensificar a distribuição de equipamentos de proteção individual e de testes rápidos, tanto para monitoramento da população carcerária, quanto dos(as) agentes penitenciários;
- Estabelecer diálogo sistemático com sindicatos e órgãos representativos dos(as) policiais penais a fim de que possam ser viabilizadas melhores condições de trabalho, de acordo com cada realidade local;
- Contratar profissionais para reforço das equipes atuantes nas unidades e valorização dos(as) policiais penais ativos(as), sobretudo com a manutenção da remuneração e benefícios;
- Manter, de forma atualizada e transparente, dados sobre infecções e mortes no sistema prisional, com intuito de garantir o melhor controle sobre a doença e evitar seu alastramento;

- Formação e treinamento adequados para que os profissionais estejam mais preparados para enfrentar a crise, tendo em vista que esta é uma questão que se mostrou sensível nas duas fases da pesquisa;
- Implementar estratégias efetivas de redução da tensão na população carcerária, por meio de instrumentos que facilitem a comunicação dos presos com seus familiares e que garantam mais informações e melhores condições a essa população para enfrentarem a crise;
- Buscar junto às secretarias de saúde e atores públicos desenvolver políticas intersetoriais que visem à prevenção antecipada da contaminação e sua propagação nos ambientes prisionais;
- Fortalecer as Ouvidorias e canais de denúncias para servidores do sistema penitenciário, a fim de que possam ser identificados problemas nas unidades e nas condições de trabalho
- Adequação dos quadros de pessoal e das rotinas de trabalho para o enfrentamento efetivo da pandemia;
- Estruturação em termos de pessoal, equipamentos, treinamentos e medicamentos para diagnóstico e tratamentos iniciais nas instalações que prestam atendimentos de saúde nos estabelecimentos penais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRYMAN, Alan. Social research methods. Oxford university press, 2016.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Monitoramento Semanal COVID-19 no sistema prisional. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2020/07/Monitoramento-Semanal-Covid-19-Info-22.07.20-1.pdf>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

LOTTA, G; DOSSIATTI, D; MAGRI, G; CORRÊA, M., BECK, A. A pandemia de COVID-19 e os profissionais de saúde pública no Brasil. FGV. Fundação Getulio Vargas. Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB). Maio, 2020. Disponível em: <https://neburocracia.files.wordpress.com/2020/06/rel02-prisionais-covid-19-depoimentos.pdf>

SALDAÑA, Johnny. The coding manual for qualitative researchers. Sage, 2015.

STATISTICS CANADA; STATISTICS CANADA. SOCIAL SURVEY METHODS DIVISION. Survey methods and practices. Statistics Canada, 2003.

NOTA TÉCNICA

2ª FASE

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS(AS) AGENTES PRISIONAIS/POLICIAIS PENAIIS NO BRASIL

REALIZAÇÃO

Fundação Getulio Vargas
Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB)



DIAGRAMAÇÃO